

**A coleção Farmácia Maria Isabel do Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”, Londrina, Paraná (Brasil).**

**Lúcia Glicério Mendonça**  
**3º Ciclo em Museologia, Faculdade de Letras.**  
**Universidade do Porto, Porto/Portugal.**

A presente comunicação visa apresentar a coleção da Farmácia Santa Isabel, pertencente ao acervo de objetos do Museu Histórico “Pe. Carlos Weiss”, órgão suplementar da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil. A perspectiva dos estudos das coleções de Ciência e Tecnologia será aplicada ao caso devido à coexistência com outras coleções de museus históricos. Desta forma, discute-se conceitos de museu de ciência e tecnologia e de museu histórico, bem como suas inter-relações, assim como três propostas de investigação. Ou seja, refletir sobre a função das coleções de ciência e tecnologia em museus históricos; examinar como a coleção se insere no contexto da cidade, de acordo com a narrativa museológica da exposição permanente da Galeria Histórica e finalmente, em uma conjuntura ampliada, as contribuições para a história local e regional, bem como para a Museologia e a História das Ciências da Saúde.

Palavras-chave: acervos, coleções, farmácia, Londrina.

**Abstract**

Herewith is presented The Santa Isabel Pharmacy collection belonging to “Pe. Carlos Weiss Charles Weiss Historical Museum” a supplementary service from the State University of Londrina (UEL), Paraná (PR), Brazil. The perspective of studies of the collections of Science and Technology will be applied to the case due to the coexistence with other types of historical objects in museums. Thus we will discuss the concepts of science and technology museum and historical museum, as well as their distances and approaches. There are three investigation proposals as to reflect on the science and technology collections function in a historical museum; to examine how the collection is related to the history of the city, according to the narrative of the museum's permanent exhibition gallery history and in a broad scale, the contributions to local and regional history, as well as for Museology and history of Health Sciences.

Key-words: Collections, pharmacy, Londrina.

## **Londrina: a cidade e sua história**

Londrina é uma cidade do estado do Paraná, Brasil, distante 386 km de Curitiba, capital do estado, e 532 km de São Paulo (capital do estado de mesmo nome). Um visitante poderá chegar até ela por via rodoviária ou aérea.

De acordo com Adum (1991, p. 54), em 21 de agosto de 1929, um grupo de funcionários da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), responsável pelo empreendimento imobiliário que deu origem à cidade, chegou ao local e iniciou a abertura da floresta e a construção das primeiras edificações. A comercialização das terras devolutas foi decorrente da necessidade de obter recursos para fazer frente aos gastos do estado com os conflitos fundiários e as disputas jurídicas por terras relativas à região do Contestado.<sup>1</sup>

No Brasil, o século XX foi, ao mesmo tempo, o século da imaginação museal — momento em que muitos e diversos museus surgem — e um período de expansão das cidades. Apresentou forte crescimento no número de novos municípios, bem como um aumento populacional nas regiões urbanas. As mudanças nas relações de produção do setor agrícola e a acelerada industrialização do País atuaram decisivamente para a conformação desse quadro de adensamento urbano. O avanço em direção ao oeste do território brasileiro ocorreu em decorrência de um movimento de expansão da fronteira agrícola, acompanhado pela implantação de polos urbanos que oferecessem suporte à agricultura conforme os padrões capitalistas (trabalho assalariado rural, mercado de terras e produtos agrícolas). Londrina surge no contexto acima descrito. O sonho de uma vida melhor atraiu para a cidade grandes levas populacionais (MENDONÇA, 2011).

---

<sup>1</sup> Região situada no Vale do Rio do Peixe (SC), entre os estados de Santa Catarina e Paraná, obtida pelo governo de Santa Catarina em demanda jurídica. A Guerra do Contestado foi um conflito armado, ocorrido na mesma região, entre tropas do governo e camponeses e trabalhadores. Os rebelados lutavam pela posse da terra e por melhores condições de vida. As disputas ocorreram entre o final do século XIX e o início do século XX.

As representações acerca de Londrina e da região “Norte do Paraná” se fazem presentes em crônicas, publicações comemorativas e reportagens. São frequentes imagens como estas: o Eldorado; Terra da Promissão; Nova Canaã; terra onde se anda sobre dinheiro, onde não existe pobreza; cidade *progressista* e *moderna*, higiênica e confortável, moldada pela iniciativa do povo trabalhador.

Essas idealizações foram emolduradas pela noção de progresso, que influenciou o pensamento de toda uma época (séculos XIX e XX), criou e justificou hierarquias, preconceitos, *apartheids sociais*, e orientou concepções de História. Da mesma forma, e como “espírito de uma época”, também norteou a organização e estudos em museus, para os quais essa noção, oriunda das disciplinas históricas, foi transposta. Isso implicou dizer, *grosso modo*, que existiria uma hierarquia de sociedades. Tal pensamento possui forte permanência até hoje, no chamado “senso comum”, mesmo depois de muitas discussões, relativizações e estudos terem mudado, em larga medida, as pesquisas históricas e museológicas. A noção de progresso relacionada ao avanço tecnológico e à implantação de sociedades industrializadas e capitalistas, com alto índice de urbanização em seus espaços, dominou o processo de colonização da região “Norte do Paraná”<sup>2</sup> e ainda está presente em muitos dos discursos sobre a cidade de Londrina e as de seu entorno (MENDONÇA, 2011).

Em Londrina, o museu em exame no presente estudo está situado no que se convencionou chamar “quadrilátero central”, ou seja, no plano urbanístico inicial implantado pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP). O núcleo urbano projetado pela companhia cresceu aceleradamente, insuflado pelo setor rural, devido à agroeconomia do café, principal produto de exportação da cidade até o início da década de 1970, quando mudanças na legislação trabalhista, crises econômicas e problemas climatológicos puseram fim ao ciclo do “ouro negro” na região.

---

<sup>2</sup> Aqui tomamos como referência as discussões de Tomazi (1997) acerca da expressão.

A jovem cidade<sup>3</sup> logo tratou de sua história e patrimônio de maneira ciosa. O Museu Histórico “Padre Carlos Weiss” é a instituição responsável por guardar a memória, a história e o patrimônio locais e dos municípios em sua circunvizinhança. A origem dessa instituição e das coleções que vieram a compor seu acervo será alvo de discussão a seguir.

Planejada pela CTNP como cidade polo de serviços para os setores rurais, Londrina especializou-se em oferecer serviços comerciais, médicos e educacionais, além de benefícios no setor de transportes. No final da década de 1950, surgem as primeiras instituições de ensino superior: a Faculdade Estadual de Direito de Londrina (1958) e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina – Fafilo (1958). Nesta última, funcionavam os cursos de História e Geografia. Em 1971, foi criada a Universidade Estadual de Londrina – UEL, a partir da justaposição de cinco faculdades isoladas, entre as quais a Fafilo (MAESIMA, 2003, p. 93).

Por iniciativa de um grupo de professores do Departamento de História, com o objetivo de coletar material para constituir o acervo e a organização dos dois órgãos, o Museu Histórico de Londrina (MHL) foi criado originalmente em 1967, junto com o Arquivo Histórico, que mais tarde passaria a chamar-se Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH).

Como atividades relativas a suas disciplinas, os professores Maria Dulce Alho Gotti, de “Introdução aos Estudos Históricos”, e o Padre Carlos Weiss, responsável por “História Antiga”, solicitaram aos alunos a coleta de material relativo à história do Norte do Paraná. Os documentos textuais deveriam ser encaminhados à Prof<sup>a</sup> Dulce, enquanto os objetos antigos e históricos — acompanhados de relatório com o detalhamento das características físicas de cada peça, bem como a referência acerca do objeto — eram entregues ao Pe. Carlos Weiss. A captação do material era desenvolvida durante o ano letivo e, ao seu final, era enviada à instituição de preservação. A proposta consistia em envolver os alunos do curso de História em todas as atividades relacionadas à constituição dos acervos, com as finalidades de formação e pesquisa. Os alunos

---

<sup>3</sup> Afinal, em 1970 a cidade tinha apenas 36 anos.

acolheram bem a ideia e, em 1972, as peças recolhidas foram destinadas ao Museu e os documentos textuais e iconográficos, ao Arquivo Histórico (MAESIMA, 2003, p. 93).

Em 18 de setembro de 1970, foi oficialmente inaugurado o Museu Geográfico e Histórico do Norte do Paraná, alocado em uma das salas da antiga Faculdade de Filosofia. O nome recebido pela instituição deve-se justamente ao envolvimento dos cursos de História e Geografia. O espaço destinado ao museu aumentou com a utilização de duas salas localizadas no Porão do Grupo Escolar “Hugo Simas”, onde funcionavam, à noite, os cursos da faculdade. Em 1974, o museu passou a ser órgão suplementar por disposição do Estatuto da UEL. A mudança de estatuto em relação à universidade proporcionou dotação orçamentária e provimento de pessoal (recursos humanos), que se especializou, com o tempo, na área de museologia e na de organização e conservação de documentos. Tempos depois, o museu foi batizado de “Pe. Carlos Weiss”, em homenagem póstuma ao seu fundador, organizador e primeiro diretor, que morreu em 1976 (MAESIMA, 2003, p. 93).

Com a construção do campus universitário, em 1974, toda a estrutura das antigas faculdades (agora unidas numa só universidade, a UEL) migrou para a nova sede. Apenas o museu permaneceu nos porões do colégio, no centro da cidade. Nesse período, a citada instituição passou por momentos difíceis (o fechamento de suas portas e o pouco estímulo à visitação, por exemplo), além de ter-se defrontado com outros desafios, como o atendimento a alunos das diversas redes de ensino; afinal, eram instalações pequenas e precárias, o que dificultava o bom andamento dos serviços (MAESIMA, 2003, p. 95).

O acervo foi resultado, em sua maioria, de doações de objetos pessoais de famílias pioneiras.<sup>4</sup> De acordo com Hildebrando (2010, p. 44) seu caráter era diversificado, centrado no conceito de “documentos-testemunhos”, e foi constituído, predominantemente, por objetos, fotografias, depoimentos orais de moradores antigos gravados em vídeo e fitas cassete, documentos impressos, periódicos, discos, moedas, selos e filmes, entre outros. O conceito de “famílias pioneiras”, na concepção dos elaboradores do Plano Diretor, é explicitado por Hildebrando (2010, p. 44): seriam os

---

<sup>4</sup> Para a crítica ao ‘Mito do Pioneiro’, ver Tomazi (1997).

grupos familiares, bem como seus descendentes, “*que chegaram em Londrina nas primeiras décadas do empreendimento imobiliário da CTNP. O conceito de documento-testemunho, refere-se a todos os sinais e evidências materiais ou imateriais que possam traduzir visualmente ou no campo das lembranças este processo*”. (HILDEBRANDO, 2010, p. 44).

Embora houvesse o desejo de formar o acervo de maneira a indicar sua forte identificação com o processo de formação da cidade de Londrina, as referências não se limitaram exclusivamente à história local e regional. Em viagens, o Pe. Carlos Weiss também adquiriu peças do Nordeste do Brasil e de outras regiões do País.

No final dos anos 1970, para acompanhar o crescimento do acervo, a direção do museu e a universidade esforçaram-se em conquistar uma nova sede. No começo da década de 1980, a antiga Estação Ferroviária de Londrina foi desativada e pretendeu-se transformá-la em sede definitiva do museu. Ao que tudo indica, existia à época quase um consenso, por parte da comunidade local, em favor da instalação do museu no prédio da Estação Ferroviária, considerado, por sua imponência arquitetônica, um marco significativo da história local.

A documentação, ou seja, o próprio Plano Diretor do museu, revelava então um sentimento nostálgico em relação ao prédio, o qual, como marco visual da cidade, confirmava a ideia de “objeto-testemunho”, já que o edifício fora construído com base num projeto imponente e com materiais de primeira qualidade, para valorizar ainda mais o caráter de pioneirismo e arrojo no limite da fronteiras agrícolas nos anos 1940 e 1950, quando foi projetada e executada a obra. Outras pesquisas<sup>5</sup> demonstram os objetivos implícitos e explícitos no projeto, bem como seu caráter de obra de apologia à sociedade nascente, ou seja, a reverência a uma tradição que começava a ser inventada, por meio de seus símbolos, marcos e monumentos. A história da construção da Estação Ferroviária de Londrina está sendo contada no tempo presente, e a escolha de seu prédio para abrigar o museu histórico não foi mera coincidência ou acaso.

---

<sup>5</sup> Ver Casagrande de Paula (2010).

Depois que a Prefeitura do Município de Londrina doou a mencionada edificação à UEL, houve a inauguração da nova sede em 10 de dezembro de 1986. Desde então, o museu pode contar com área construída de 2.670 m<sup>2</sup> e área total de 11.160 m<sup>2</sup> para conservar as 6.400 peças de seu acervo (HILDEBRANDO, 2010, p. 47).

A partir de 1994, sob a direção da Prof<sup>a</sup> Conceição Geraldo, ocorreu a mobilização para a revitalização do museu, e realizou-se intensa campanha de arrecadação de recursos e subsídios. De 1996 a 2000, o projeto “Memória Viva” contou com a consultoria da Prof<sup>a</sup> Maria Cristina Bruno, teve o apoio de outros técnicos e reestruturou o prédio que abrigava o acervo do MHL. As áreas de exposição foram ampliadas e melhoraram-se as condições de processamento técnico do acervo. A exposição permanente teve sua estrutura pós-revitalização baseada na experiência de organização do acervo que ocupava a antiga sede (o porão do Colégio “Hugo Simas”).

As mudanças acarretadas pela revitalização da sede do MHL impulsionaram a instituição a buscar sua própria identidade. Embora criticado por grupos e figuras locais, o fio condutor da temática da exposição permanente, conhecida como “Galeria Histórica”, pauta-se pela apresentação das estruturas fundadoras da historicidade de Londrina com base no conceito de *trabalho*, o que constituiu a proposta museológica da entidade (HILDEBRANDO, 2010, p. 50).

Para a implantação da exposição permanente, ou seja, da Galeria Histórica, a seleção do acervo foi feita de modo a contar (narrar) cronologicamente o processo de colonização de Londrina. Por sua vez, a distribuição da coleção realizou-se de maneira a criar ambientes didáticos (ELORZA, 1997, apud HILDEBRANDO, 2010). A proposta não estava distante das memórias outorgadas pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CNTN). O conjunto de documentos vinculava-se estreitamente à tese do pioneirismo e desbravamento. (HILDEBRANDO, 2010, p. 42)

Embora as críticas à proposta tenham fundamento (pois acabou por excluir grupos periféricos ou externos à lógica da categoria “trabalho” no contexto do sistema capitalista), a concepção que destacamos está fundada, também, no cotidiano de uma cidade erguida em meio a uma densa floresta para ser o futuro polo econômico do capitalismo periférico, um satélite da produção e consumo do capitalismo internacional,

estabelecendo relações entre a produção e extração de produtos naturais (matérias-primas) e o consumo de produtos industrializados ou beneficiados. Para que isso acontecesse, o trabalho transformador da natureza em espaço urbano constituiu categoria estruturante das relações na sociedade em questão. O patrimônio cultural construído pelas comunidades que coabitam o referido espaço social constituiu-se no contexto acima descrito. O problema não está relacionado meramente à categoria “trabalho”; antes, surge mais evidente em face dos recortes privilegiados na exposição permanente, que acabam por omitir a contribuição de outros grupos sociais – como os de indígenas, migrantes nordestinos e afrodescendentes – na construção do mesmo *locus* social. Outra questão importante, do ponto de vista da *historicidade*, é a opção pela cronologia, em detrimento das múltiplas temporalidades. Nos últimos anos, tais aspectos têm sido revistos pela instituição, após muitos questionamentos.

### **As coleções do Museu Histórico de Londrina**

Considerando o que há pouco descrevemos, é possível definir as coleções de objetos do MHL como formadas por peças do cotidiano de uma cidade que nasceu e desenvolveu-se no contexto de produção industrial em série de objetos, embora também haja peças de elaboração artesanal. A distância e as conseqüentes dificuldades de acesso, nos anos iniciais da cidade, exigiram uma grande capacidade de adaptação de sua população. A manufatura artesanal e a fabricação em indústrias de pequeno porte e de tecnologia simples faziam parte da realidade local. Ao mesmo tempo, o arrojo de alguns setores trazia de todos os lugares do mundo objetos de luxo, sofisticação e tecnologia de ponta, para época.

Assim, podemos encontrar tanto objetos de fina porcelana oriental (como conjuntos para a Cerimônia do Chá, tradicional na cultura nipônica), quanto formões e enxadas muito rústicas, produzidas em forjas locais ou dos arredores.

Muitos estabelecimentos comerciais fundados pelas famílias mais antigas da cidade estão reconstituídos em cenários na Galeria Histórica, pois foram eleitos de acordo com a categoria que orienta a exposição e a tese do pioneirismo.



## **A coleção Farmácia Maria Isabel**

A Farmácia Maria Isabel foi o terceiro estabelecimento do setor farmacêutico fundado em Londrina. Seu ano de inauguração é 1939. A cidade já era um município emancipado da comarca de Jathay. Seu proprietário, o Sr. José Schietti, doou a maior parte dos objetos da coleção, ainda durante o funcionamento da farmácia e após o encerramento de suas atividades, em 1982. Localizava-se na Avenida Paraná, 431, próximo às Casas Pernambucanas. O farmacêutico responsável era o Sr. Antonio Viçoso Ribeiro. Embora não tenha sido um dos estabelecimentos contemplados com um cenário próprio na Galeria Histórica, possui boa parte de suas peças expostas em vitrines, no mesmo ambiente.

Compondo vitrines temáticas com outros objetos da área da Saúde, podemos encontrar os seguintes itens: um conjunto de seringas e agulhas para injetáveis, todas de vidro, além de seu estojo de aço inoxidável; potes de vidro para medicamentos de variados tamanhos, formas e cores; instrumentos de laboratório farmacêutico (vidraria); esterilizadores; moldeiras para comprimidos e supositórios; almofarizes e mãos-de-pilão. Uma das peças mais antigas e curiosas é um “apertador de rolha” feito de metal escuro e cuja forma imita a de um “jacaré” de 1930. Enfim, trata-se de uma coleção que representa a prática farmacêutica da primeira metade do século XX, com elementos do início da segunda metade do mesmo século, quando a farmácia em questão encerrou suas atividades. Parte do material de escritório, como canetas e tinteiros, entre outros, também faz parte da coleção.

Embora o museu enfocado seja um museu histórico, elegeram-se as coleções de Ciências da Saúde como objeto de estudo de nossa pesquisa de doutorado, em razão da trajetória prévia da pesquisadora, que já havia elaborado, anteriormente, estudos na área de História das Ciências da Saúde e possui experiência em Museu de Ciência. As referidas coleções ainda não foram alvo de estudo sistematizado e vêm passando por tratamento técnico mais adequado à sua natureza. Tais coleções não estão sob a guarda de um museu de ciências, uma vez que a existência dessa instituição na cidade é relativamente recente e em virtude de suas atividades estarem voltadas para a área de Ensino de Ciências na Educação Básica. Considerando a origem das duas instituições museológicas (origem essa motivada por iniciativas de departamentos e centros de

estudos da UEL), as bases e motivações desses empreendimentos estão relacionadas aos papéis desempenhados pela universidade junto à sociedade, isto é, o de formar profissionais qualificados, produzir conhecimento de ponta e estabelecer constante interação com a comunidade, mediante o estabelecimento de pontes e/ou redes através dos quais esses elementos fluam, ponto a ponto — em outras palavras, o ensino, a pesquisa e a extensão. Desse modo, a coleção em destaque insere-se na narrativa expositiva já mencionada e, no presente momento, desempenha o papel de componente de uma cronologia na história do trabalho e dos serviços oferecidos em Londrina (no caso, os da prática da profissão farmacêutica). Até então, a coleção e as demais consideradas pertencentes ao âmbito das Ciências da Saúde não haviam sido utilizadas para a formação dos futuros professores de História, Ciências Sociais, Filosofia, Biologia e Química. Ademais, como dito anteriormente, ainda não são investigadas sistemática e intensivamente.

As abordagens de investigação das coleções apresentadas aqui são muitas, tanto no que se refere a suas aplicações na formação de futuros profissionais, licenciados, bacharéis e profissionais de saúde, quanto na educação não formal, associada à prática de ensino na Educação Básica, e, mesmo, na formação em longo prazo e por livre escolha de boa parte da população. Ainda sim, é possível pensarmos em diversas outras vias de pesquisa. Uma possibilidade a ser verificada mais de perto é a aplicação do estudo das coleções do Museu Histórico de Londrina como um instrumento de análise na história da cidade e região, a fim de compreender conformações peculiares e de estabelecer relações ou parâmetros de comparação com outros acervos universitários de museus em situação similar, ou mesmo em condições distintas. Em suma, busca-se a construção de uma abordagem que possa indicar a contribuição dessas coleções e museus para a compreensão ampla de questões locais e/ou globais e para a produção de conhecimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADUM, S. M. S. Lopes. *Imagens do progresso: civilização e barbárie em Londrina 1930-1960*. Dissertação (Mestrado em História Social) Faculdade de Ciências e Letras, Departamento de História. Universidade Estadual Paulista. Assis, 1991.

CASAGRANDE de PAULA. Z. Os marcos urbanos em história e memória: o Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss” em breve nota. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. *Boletim Museu Histórico de Londrina*. Londrina-PR, v. 1, n. 1, jul./dez. 2009, p.10-16. Disponível em : <[www.uel.br/museu/publicacoes/boletim02%20web.pdf](http://www.uel.br/museu/publicacoes/boletim02%20web.pdf)>. Acesso em: em 28 set. 2011.

ELORZA, Telma. Museu precisa de gradil. *Folha de Londrina*, Londrina. 1 maio 1997. Disponível em: < <http://www.bonde.com.br/folha/folha.html>>.

HILDEBRANDO, Gilberto. *O museu e a escola: memórias e histórias em uma cidade de formação recente*. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2010.

MAESIMA, Cacilda. *Centros de documentação e Pesquisa Histórica Universitários: um estudo de caso no C.D.P.H. da Universidade Estadual de Londrina*. 2003, 172 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

MENDONÇA, L. G. Londrina: Três Museus, Três Marcos, Três Temporalidades – A Imagem dos Museus Londrinenses no Traçado da Cidade. In: *III Encontro Nacional de Estudos da Imagem - III ENEIMAGEM, 2011, Londrina. III Encontro Nacional de Estudos da Imagem - III ENEIMAGEM - Anais. Londrina: Laboratório de Estudos da Imagem - Universidade Estadual de Londrina, 2011.*

TOMAZI, N. D. *Norte do Paraná: histórias e fantasmagorias*. Tese (Doutorado em História Social). Departamento de História Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.